

General Vernon Walters: gosto por subterrâneo

Frank Márcio de Oliveira
Abin

Vernon Walters era chamado de *Mister Underground* e não é difícil imaginar o porquê. A alcunha não se referia apenas às suas atividades no subterrâneo mundo da diplomacia secreta. Walters tinha também um hobby *sui generis*. Ele gostava de estudar e colecionar mapas de sistemas de metrô das maiores cidades do mundo. Misturando dever e prazer, Walters costumava visitar previamente o país no qual participaria de reuniões importantes. O objetivo, ao andar de ônibus e metrô, era recordar-se de gírias e sotaques locais, além de reunir impressões das pessoas com relação a assuntos de interesse dos Estados Unidos da América. Seu gosto pelo subterrâneo era estratégico.

Ele tinha outros talentos e paixões. Dono de memória prodigiosa, Walters participava de importantes encontros diplomáticos e, sem fazer anotações, era capaz de produzir, posteriormente, relatórios longos e detalhados. Ao se aposentar, ele se dedicou a realizar palestras e parecia gostar da habilidade de contador de histórias, capaz de prender a atenção de uma platéia grande ou pequena (ALLEN, 2002). Outro aspecto marcante de sua vida era a religiosidade. Católico devoto, Walters comungava diariamente e não deixava de ir à missa, mesmo nas situações mais críticas¹. Em seu funeral, em 2002, no Cemitério Nacional de Arlington, diante de um

¹ Walters menciona em *Missões silenciosas*, no capítulo 8, um episódio em que ele estava servindo de intérprete ao General Marshall na Colômbia, em 1948, quando ocorreu uma série de manifestações violentas. Walters foi à missa e o padre pediu que as pessoas permanecessem ajoelhadas todo o tempo para evitarem o tiroteio que acontecia do lado de fora da igreja.

público que incluiu o ex-Secretário de Estado Henry Kissinger e o primeiro homem a estar na Lua, Neil Armstrong, o arcebispo Edwin F. O'Brien chamou Walters de "centurião fervoroso", porque ele sintetizou a fé e a dedicação ao serviço público. O arcebispo disse, ainda, da especial amizade entre Walters e o papa João Paulo II (RYAN, 2002).

A característica mais marcante em sua biografia era o talento lingüístico. Walters era fluente em francês, alemão, italiano, espanhol, português, holandês e russo. Seu domínio de línguas desempenhou papel decisivo em suas ações, mas, por certo, sua memória não será evocada somente por sua atuação como intérprete brilhante de personalidades como Marshall, Eisenhower, Churchill, de Gaulle, Truman e Nixon.

A paixão de Walters pelo subterrâneo acompanhou-o ao longo de sua vida e está sutilmente expressa no próprio título de sua autobiografia, *Missões Silenciosas*. Filho de um vendedor de seguros britânico, Vernon Anthony Walters nasceu na cidade de Nova York em 3 de janeiro de 1917. Provavelmente não foi coincidência o fato de o mundo que o futuro general encontrou estar em guerra. Meses depois, naquele mesmo ano, por meio de uma revolução, a Rússia adotou o regime comunista, ideologia a que Walters opôs-se ao longo da vida. Talvez também não tenha sido coincidência o fato de Walters ser o embaixador dos Estados Unidos na Alemanha, em 1989, ano em que o muro de Berlim, um dos principais símbolos do regime comunista, caiu. Quando ele morreu, em 10 de fevereiro de 2002, o mundo enfrentava outra ameaça: o terrorismo.

Quando tinha seis anos, sua família mudou-se para a Europa, onde Walters realizou toda sua educação formal. Dez anos mais tarde, de volta aos Estados Unidos, seu pai enfrentou problemas financeiros sérios, e o jovem Vernon trocou a escola por um trabalho como investigador de seguros. Ele nunca frequentou universidade.

Em 1941, Walters alistou-se no Exército como recruta e, no ano seguinte, cursou a Escola de Oficiais, de onde saiu segundo-tenente

de infantaria. Na Segunda Guerra, ele participou da Operação Tocha, o desembarque na África do Norte, ocorrido em 1942, e, dois anos depois, serviu na Itália como Oficial de Ligação entre o 5º Exército e a Força Expedicionária Brasileira (FEB). Terminado o conflito, Walters foi nomeado assistente do adido militar na embaixada norte-americana no Brasil. Em 1950, ele foi designado ajudante-de-ordens de Averell Harriman, então responsável pela implementação do Plano Marshall. Em outubro daquele ano, Walters presenciou, na ilha Wake, o famoso encontro entre o Presidente Truman e o General MacArthur. Em 1958, como intérprete do então vice-presidente Nixon, em uma visita à Venezuela, Walters teve a boca cortada quando manifestantes apedrejaram o carro em que estavam em Caracas.

Após servir como adido militar na França e na Itália, Vernon Walters foi vice-diretor da Agência Central de Inteligência (CIA), no período entre 1972 e 1976. Em 1981, no governo do presidente Reagan, Walters atuou como embaixador itinerante. Finalmente, ele foi embaixador nas Nações Unidas (1985 a 1988) e na Alemanha (1989 a 1991).

O Brasil exerceu profunda influência na história de Walters². O oposto - a influência de Walters na história do Brasil - permanece uma questão controversa. Ele conhecia profundamente a língua, a cultura e a história do país, e dedicou três capítulos de suas memórias ao Brasil³. Em 1943, Walters teve de atuar como guia de um grupo de militares portugueses e brasileiros em visita aos Estados Unidos. Ele ainda não falava português e teve de aprender o idioma em poucos dias para cumprir a missão. O chefe da delegação brasileira era o general Eurico Gaspar Dutra, que, ao fim da visita, além de condecorar Walters, convidou-o a visitar o Brasil. Para Dutra “era ridículo que alguém falasse o português sem conhecer um país onde a língua é falada” (WALTERS, 1978). Walters acompanhou o grupo na volta ao Rio de Janeiro e visitou o país muitas vezes posteriormente.

² Walters escreveu em *Missões silenciosas*, p. 70: “Não poderia imaginar que a experiência com a comitiva portuguesa abriria caminho para a missão seguinte, desta vez com os brasileiros, com tão profunda influência em minha vida.”

³ *Ibidem* Capítulo 1: Brasil; Capítulo 6: A Força Expedicionária Brasileira e Capítulo 20: De Novo no Brasil.

Em 1962, ele foi nomeado adido militar no Brasil. Quando chegou, um grupo de treze generais brasileiros aguardava-o para saudá-lo no aeroporto do Rio de Janeiro. Ao contrário de outros setores do país, que não lhe ofereceram uma recepção tão calorosa. O jornal *Novos Rumos* publicou longo artigo no qual afirmou que “o coronel Walters, o principal especialista do Pentágono em golpes militares, acabava de ser enviado ao Brasil com o único objetivo de depor o Presidente Goulart e estabelecer um regime títere dos Estados Unidos.” O jornal acrescentou que Walters foi o artífice das deposições do rei Farouk, do Egito, do presidente argentino Frondizi e do presidente Prado, do Peru. Seus amigos tentaram encorajá-lo. O general Mascarenhas de Moraes ofereceu-lhe um almoço de desagravo. Em seu discurso, Moraes enfatizou a contribuição que Walters ofereceu ao Brasil e concluiu: “Há quem queira vê-lo longe do país, mas aqueles que lutaram em Monte Castelo e Montese não concordam com isso” (WALTERS, 1978).

Com relação à sua participação nos eventos políticos de 1964, Walters afirmou: “Eu era o adido militar e não tomei parte em nenhuma conspiração. Eu era uma testemunha bem informada, mas não um participante. Pessoalmente, fiquei muito preocupado com o comício do presidente João Goulart, em 13 de março de 1964, no Rio de Janeiro, com as bandeiras vermelhas... Eu era um estrangeiro e vivia no Brasil há alguns anos... Eu tinha o direito de observar, mas não de participar...” (CONTREIRAS, 2002). Outros tiveram visão diferente. Moniz Bandeira, historiador brasileiro, defendeu que Walters desempenhou um papel mais ativo no episódio. Para ele, Walters não apenas coordenou as atividades da CIA no País, mas participou diretamente no planejamento do golpe (BANDEIRA, 1978).

Walters foi o autor, ainda, do livro *The Mighty and the Meek*⁴, publicado em 2001, em que descreve personalidades que conheceu, mas é em um ensaio que escreveu, em 1981, que se encontra a essência do que ele pensava a respeito do subterrâneo - não

⁴ Os Poderosos e os Humildes (tradução do autor).

aquele a que se dedicava como hobby, mas ao que se ligava profissionalmente. O ensaio trata das assim chamadas ações encobertas, que são a tentativa de um governo influenciar eventos em outro Estado ou território sem revelar o seu envolvimento (GODSON, 1981). No ensaio, Walters defende que “desde a aurora da sociedade humana organizada, governos tentam influenciar os eventos em outras nações de uma forma favorável a eles. Há os que dirão que tentar influenciar eventos ou opiniões em outro país seja imoral. Mas ninguém pode negar que o primeiro dever de qualquer servidor em outro país é aumentar o número e a importância dos amigos de seu próprio país.” E concluiu: “Não podemos encarar os anos vindouros e a sempre crescente ameaça sem tal capacidade. Se o fizermos, a História pode não nos perdoar.”

Há uma cópia autografada do livro *Missões Silenciosas* na Biblioteca da Agência Brasileira de Inteligência, herdada do acervo do extinto Serviço Nacional de Informações. No dia 11 de novembro de 1980, *Mr. Underground* escreveu a seguinte dedicatória em português: “À Escola Nacional de Informações, com os melhores votos de um velho Oficial de Informações ao jovem e eficiente Serviço do grande Brasil de amanhã.” E assinou: “Vernon A. Walters, tenente-general (reformado), Exército dos Estados Unidos”.

Esta é uma breve visão do homem e de sua vida, de um homem singular e de uma vida dedicada ao seu país. Vernon Walters viveu sob um princípio confirmado por ele: “Não há limite para o que um homem pode realizar ou quão longe ele pode ir, desde que ele não se importe com quem obtenha o crédito.” Embora ele tivesse a habilidade de estar presente a grandes eventos e viver com personalidades de seu tempo, o “homem das línguas”, como também era chamado, sabia a hora de falar e a de manter silêncio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, Richard V. Master strategist. **National Review Online**, [S.l.], 18 fev. 2002. Disponível em: <<http://www.nationalreview.com/comment/comment-allen021802.shtml> .> Acesso em: 27 set. 2005.

APPELBAUM, Henry R. Renaissance man. **Studies in Intelligence**, [S.l.], 2002. v. 46. Disponível em: <<http://www.cia.gov/csi/studies/vol46no1/article01.html> >. Acesso em: 27 set. 2005.

BANDEIRA, Moniz. **Presença dos Estados Unidos no Brasil**: dois séculos de história. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 497 p.

CONTREIRAS, Hélio. Pinochet é injustiçado. **Revista Isto É On line**. São Paulo, 2000. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/1644/1644vermelhas.htm> > Acesso em: 27 set. 2005.

ESPADA, Arcadi. A Rusia la vencimos con dinero. **Jornal Página 12 web**. Buenos Aires, 2000. Disponível em: <<http://www.pagina12web.com.ar/2000/00-09/00-09-17/pag25.htm> > Acesso em: 27 set. 2005.w

GODSON, Roy. Covert Action: an introduction. In: _____. **Intelligence Requirements for the 1980's**: covert action. Washington: the National Strategy Information Center, 1981. p.1-11.

LEEDEN, Michael. Vernon Walters, R.I.P. **National Review On-line**, [S.l.], 2002. Disponível em: <<http://www.nationalreview.com/contributors/leeden021502.shtml> > Acesso em: 27 set. 2005.

RYAN, Dennis – Armstrong joins friend's funeral march. **DC Military**, [S.l.], 8 mar. 2002. Disponível em: <www.dcmilitary.com/army/pentagram/7_09/local_news/14728-1.html > Acesso em: 27 set. 2005.

WALTERS, Vernon A. **Missões silenciosas**. Tradução Heitor A. Herrera. Rio de Janeiro: Record, 1978. 574 p.

WALTERS, Vernon A. The uses of political and propaganda covert action in the 1980. In: GODSON, Roy. **Intelligence requirements for the 1980's**: covert action. Washington: the National Strategy Information Center, 1981. p. 113-132.

